CONTRIBUIÇÕES DA CULTURA ESCOLAR E DA FOTOGRAFIA PARA A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES

Rosiane Magalhães de Lima
Instituto Federal Catarinense – IFC
rosianemagalhaes@gmail.com

Flávia Regina Back
Instituto Federal Catarinense – IFC
frback1986@gmail.com

Reginaldo Leandro Placido
Instituto Federal Catarinense – IFC
reginaldo.placido@ifc.edu.br

Eixo temático 1:
Organização e memórias de espaços pedagógicos na EPT

Resumo: Este trabalho é parte de uma pesquisa em andamento sobre as culturas escolares do Instituto Federal Catarinense - IFC, Campus Blumenau. Neste texto busca-se discutir a fundamentação teórica dos conceitos de cultura escolar, história das instituições escolares e fotografia enquanto fonte histórica. A metodologia utilizada neste texto foi bibliográfica com intuito em discutir qual é a contribuição da cultura escolar para a história de uma instituição de educação profissional e tecnológica. O objetivo é compreender como o uso de fotografia pode ser utilizado enquanto documento histórico na pesquisa para a compreensão da cultura escolar. Os resultados alcançados demonstram que a fotografia pode ser um recurso utilizado para compreensão da história de uma instituição escolar sob o escopo da cultura escolar.

Palavras-chave: Cultura escolar. História das instituições escolares. Fotografia. Educação profissional e tecnológica. Institutos Federais.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho discute os resultados iniciais de uma pesquisa em andamento, realizada no âmbito do mestrado profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), na área de Ensino, ofertado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense - IFC *Campus* Blumenau, em Santa Catarina. Importante pontuar que este trabalho faz parte do

projeto de pesquisa intitulado Leme - Laboratório de espaços e Memórias da Educação Profissional e Tecnológica de Santa Catarina, com fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (Fapesc). A pesquisa final envolverá o trabalho com imagens fotográficas na identificação das culturas escolares do IFC *Campus* Blumenau a partir de uma exposição fotográfica como produto educacional.

Este texto traz reflexões sobre a fase atual da pesquisa e a sua problematização gravita em torno da discussão teórica e a fundamentação para a seleção das imagens que comporão uma exposição fotográfica. Esta etapa da pesquisa, embora não se trata de um estado do conhecimento, concentra-se na fundamentação teórica do uso de fotografia como documento e a articulação com os conceitos de cultura escolar e história das instituições escolares.

Um dos objetivos deste trabalho é discutir qual é a contribuição da abordagem de cultura escolar para construção da história de uma instituição de educação profissional e tecnológica. Outro objetivo é compreender como o uso de fotografia pode ser utilizado enquanto documento histórico na pesquisa para a compreensão das culturas escolares.

Como metodologia foi utilizada a pesquisa bibliográfica para fundamentação teórica a partir das obras de autores selecionados em bases de dados do portal de Periódicos da Capes e na SciELO. Dentre os autores selecionados para este trabalho, Kossoy (2020) e Burke (2017) e Le Goff (2013) discutem a fotografia como documento histórico. No diálogo sobre cultura escolar e história das instituições escolares os autores selecionados foram Frago (1995), Chervel (2016), Magalhães (2004) e Vidal (2005). Sobre a Educação Profissional buscou-se a partir de Pistrak (2015, 2018) e para Educação Profissional e Tecnológica a escolha foi por Pacheco (2011) e Ciavatta (2005) e autores que atuam no ProfEPT, entre eles Moura (2015), Castro; Placido; Schenkel (2020), Schenkel (2012) e Placido (2021) sendo que Placido discute também as temáticas de história das instituições e cultura escolar.

O levantamento bibliográfico produzido neste artigo resultou em material de apoio para sequência da pesquisa e auxiliará na identificação das características principais da inter-relação do IFC *Campus* Blumenau e dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais na definição das políticas públicas de educação no Brasil. As obras selecionadas respaldam a escolha pela compreensão das culturas escolares como um caminho para construir a narrativa histórica da

instituição sob a ótica da análise fotográfica. A história e a cultura escolar são processos em constante construção e sofrem influências dos contextos políticos, sociais e econômicos, por isso, este é um amplo campo de estudo para desenvolvimento de pesquisas e este artigo auxiliará também outros pesquisadores que tenham interesse pela temática.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2. 1 História das instituições escolares e cultura escolar

A história das instituições escolares é um campo que possibilita olhar para a escola sob diferentes propósitos. Magalhães (2004) afirma que para compreender a história de uma instituição é necessário ir além do sistema educativo, ou seja, é preciso entender os contextos da comunidade, do território e dos públicos, entre outros fatores. Por isso, uma pesquisa sobre a história das instituições escolares possui uma maior complexidade. Inclusive, pode deparar-se com a inexistência ou desorganização dos documentos e dos arquivos.

Segundo Magalhães (2004), ao estudar a história das instituições é necessário atentar-se que a instituição educativa não é apenas um espaço físico. Além da materialidade, ela é composta pelo contexto e pela representação institucional, portanto, é também tradição. "A identidade dos sujeitos, suas memórias, destinos e projetos, como a memória e a representação da instituição, cruzam-se e fecundam-se mutuamente enquanto construção histórica" (MAGALHÃES, 2004, p. 66).

Magalhães (2004) observa o dinamismo de uma escola ao se relacionar com a sociedade, pois ela é um organismo vivo constituído pelos movimentos burocrático, político e ideológico. Sendo assim, a escola é um lugar de conflitos, de liberdade e criatividade, refletidas nos contextos geográficos e socioculturais. “As instituições educativas, se transmitem uma cultura (a cultura escolar), não deixam de produzir culturas, cuja especificidade lhes confere uma identidade histórica” (MAGALHÃES, 2004, p. 125). Além de construir a história de uma instituição, o desenvolvimento das atividades escolares contribuem para a formação de memórias, sejam individuais ou coletivas. “Mas a influência da instituição educativa vai para

além dos seus muros e defere-se no tempo, seja pelas transformações de caráter material, seja especificamente como representação, referência e memória dos indivíduos e dos grupos". (MAGALHÃES, 2004, p. 116).

Portanto, dentre as vertentes pelas quais é possível contar a história de uma instituição escolar, Magalhães (2004) aponta ser possível identificar duas orientações ao abordar a escola. Uma delas é pela perspectiva organizacional sobre o significado da escola em um quadro mais amplo, como um lugar de formação, de ensino, de aprendizagem e de instrução. Enquanto "uma segunda linha de orientação científica visa à construção da escola como um objeto historiográfico específico, correspondendo ao desafio de uma problemática integrativa e de uma síntese conceitual, metodológica, informativa" (MAGALHÃES, 2004, p. 120). Portanto, a escola é um espaço para a instrução, mas que também se ajusta aos contextos sociais, políticos e pedagógicos e relaciona-se com os sujeitos.

Ancorado neste pensamento, este trabalho de pesquisa se pauta na compreensão da cultura escolar como um dos caminhos possíveis para a construção da narrativa histórica. Ao analisar sobre a cultura construída nas escolas e o alcance da instituição escolar para além dos muros, Chervel (2016), afirma que a escola fornece à sociedade uma cultura constituída de duas partes: os programas oficiais, que explicitam sua finalidade educativa; e os resultados efetivos da ação da escola, os quais, no entanto, não estão inscritos nessa finalidade. Dito de outro modo, esse autor entende a cultura escolar como cultura adquirida na escola e encontra nela não somente seu modo de difusão, mas também sua origem. O autor adverte, entretanto, que a escola não se restringe a essa finalidade e carrega consigo os "efeitos culturais não previsíveis" que a distingue de outras instituições. (CHERVEL, 2016).

> Por que nome designar toda essa parte da cultura que, ao mesmo tempo, resulta da ação da escola, mas não estava inscrita nas grandes finalidades que a sociedade lhe havia atribuído? Uma expressão se impõe, por mais gasta que esteja pelo uso corrente, a de "cultura escolar". A cultura escolar, propriamente dita, é toda essa parte da cultura adquirida na escola, que tem na escola não apenas seu modo de difusão, mas também sua origem. (CHERVEL, 2016, p. 174-175).

Chervel (2016) faz um paralelo entre a escola e os meios de comunicação, por exemplo, duas transmissoras de mensagens informativas. Porém, a escola se diferencia por acumular um componente educativo ligado diretamente às informações, denominado como disciplina

escolar. Segundo o autor, a disciplina escolar é "um fenômeno cultural absolutamente particular, próprio da escola, e que não pode ser nunca exatamente remetido às ciências, às artes, ou às diferentes práticas culturais que têm seu curso, e frequentemente sob o mesmo nome, na sociedade global" (CHERVEL, 2016).

Para Frago (1995), o conceito de cultura escolar é mais amplo e permite um diálogo da instituição com a comunidade. Pois, de acordo com ele, a cultura escolar é tudo o que acontece no interior da escola e onde o espaço e o tempo também não são neutros e, por isso, o correto seria dizer no plural: culturas escolares. Portanto, cultura escolar é toda a vida escolar, desde as pessoas e objetos até as ideias e modos de pensar e de fazer.

> O que acontece é que neste conjunto há alguns aspectos que são mais relevantes que outros, no sentido de que são elementos organizadores que a conformam e definem. De entre eles escolho dois aos quais dediquei alguma atenção nos últimos anos: o espaço e o tempo escolares. Outros não menos importantes, como as práticas discursivas e linguísticas ou as tecnologias e modos de comunicação empregados, são agora deixados de lado. (FRAGO, 1995, p. 7, tradução nossa).

Nesta perspectiva, Frago (1995) reconhece a importância das relações externas, com famílias e a sociedade em geral, na formação da cultura escolar de uma instituição. Sendo que este tempo escolar envolve as experiências dos distintos personagens e, portanto, é uma construção social e passível de mudanças ao longo da história, enquanto um tempo cultural marcado pelas vivências dos grupos.

> Um tempo que é organizado e construído social e culturalmente como tal tempo específico, mas que, ao mesmo tempo, é vivido não só pelos professores e alunos mas também pelas famílias e a comunidade em seu conjunto, mediante a sua inserção e relações com o resto dos ritmos e tempos sociais. (FRAGO, 1995, p. 10, tradução nossa).

Todos esses elementos apontados por Chervel e Frago, como as disciplinas escolares e relações entre a escola e a sociedade, têm sido fundamentais nas pesquisas para compreender e entender os caminhos para a construção da história das instituições escolares brasileiras. Como conta Vidal (2005) ao revelar que:

> Procurando perceber a dinâmica interna do funcionamento escolar, a investigação histórica em educação no Brasil, especialmente a partir dos anos de 1990, vem interrogando-se acerca da propriedade em conceber a escola como produtora de uma

> cultura própria e original, constituída por e constituinte, também, da cultura social. (VIDAL, 2005, p. 5).

Os impactos na construção da história das instituições e suas culturas escolares, causados por influências externas oriundas da localização geográfica, tradição, entre outros fatores sociais e culturais, são defendidos por Placido, Benkendorf e Todorov (2021) que argumentam que a escola não é um espaço alheio e igualmente modifica seu entorno. Por isso, para eles o conceito de uma cultura escolar ou várias culturas escolares são necessários e intercambiáveis, pois é possível falar que a cultura escolar de uma instituição é formada das muitas culturas escolares existentes no seio da comunidade escolar. A escola é uma instituição da sociedade, com formas de ação e razão próprias, e sua cultura é construída por diversos elementos internos e externos, forjados a partir de acordos, mas também dos conflitos. Desta forma, uma mesma instituição poderá ter sua cultura alterada inclusive se for instalada em outra localidade.

Por todas as questões relativas à investigação das características das instituições, Vidal (2005) chama a atenção sobre o uso das fontes de pesquisas, dado que diversos documentos são catalogados nos próprios arquivos escolares. Essa proximidade dos sujeitos com os objetos pode suprimir a complexidade das relações entre a escola e a sociedade, seja por limitações de espaço físico ou por desinteresse na conservação de outros indícios que revelam pontos essenciais para a história.

Para preencher os espaços apagados é necessária a busca por outros meios de investigação, inclusive os próprios materiais escolares, móveis e equipamentos usados em salas de aula e laboratório, por exemplo. Neste contexto, a historiadora defende a importância dos arquivos e, em simultâneo, a curiosidade do historiador em pesquisar além dos materiais guardados nos espaços oficiais, para a observação aprofundada ao construir a história da instituição e identificar sua cultura escolar.

> Esses objetos culturais e muitos outros, individuais e coletivos, necessários ao funcionamento da aula trazem as marcas da modelação das práticas escolares, quando observados na sua regularidade. (...) O concurso de outras fontes como fotografia, autobiografias, história oral e de vida, para citar algumas, pode ainda aumentar a compreensão desses *fazeres com* e da constituição de corporeidades nos sujeitos da escola. (VIDAL, 2005, p. 17).

Diante de todos os caminhos de investigação para construção da história das instituições educativas, Magalhães (2004) destaca que "a história da educação é um campo em aberto, marcado pela construção de novos campos e objetos de investigação, por uma associação investigação-ação, por uma renovação conceitual e epistêmica de base interdisciplinar" (MAGALHÃES, 2004, p. 71).

Pelo que se depreende, a partir da discussão teórica apresentada, há uma lacuna na construção histórica das instituições escolares que pode ser preenchida a partir do uso da cultura escolar como categoria, especialmente na percepção da escola como espaço de diálogo com outros espaços sociais. Tal constatação pode ser assumida em diálogo com as observações de Faria Filho, Gonçalves, Vidal e Paulilo (2004) que, ao estudarem os materiais produzidos sobre a história da educação, inclusive a partir da ótica da cultura escolar abordada por Chervel e Frago, passaram a adotar novas categorias de análise e considerar a troca de influências entre a escola e os espaços sociais, identificando os diferenciais estruturantes das instituições nos tempos e espaços escolares.

> Isto não é pouco se considerarmos que até bem pouco tempo as reflexões e pesquisas desenvolvidas em várias áreas da educação, inclusive na história da educação, acabavam por trabalhar e produzir uma representação da escola como uma instituição estática e acabada desde os tempos coloniais. (FARIA FILHO, GONÇALVES, VIDAL, PAULILO, 2004, p. 152).

Segundo estes autores, os estudos publicados nos livros e artigos internacionais têm oportunizado a produção de trabalhos sobre a história da educação no Brasil principalmente em torno da cultura escolar sob as perspectivas "definidas como *saberes, conhecimentos e currículos; espaços, tempos e instituições escolares e materialidade escolar e métodos de ensino*" (FARIA FILHO, GONÇALVES, VIDAL, PAULILO, 2004, p. 149).

Nesta linha de raciocínio, pode-se afirmar a existência de espaços e oportunidades em aberto para estudos sobre a história das instituições escolares brasileiras, entre elas a do IFC *Campus* Blumenau, sob a análise das culturas escolares a partir da perspectiva dos autores considerados neste levantamento bibliográfico.

2. 2 Educação Profissional e Educação Profissional e Tecnológica

Para compreender a cultura escolar de uma instituição escolar é necessário identificar em qual proposta pedagógica é baseada a oferta de cursos, quais seus públicos, sua missão educacional e como se dá sua relação com a sociedade em seu entorno. Nesta pesquisa, o objeto de estudo refere-se ao Instituto Federal Catarinense (IFC) *Campus* Blumenau que é uma instituição pública de educação profissional e tecnológica (EPT). A oferta de educação profissional integrada à educação básica, numa perspectiva politécnica e omnilaterial, voltada para formação para o mundo do trabalho é o principal diferencial do *campus* em relação às demais escolas de ensino médio em Blumenau. Segundo Ciavatta (2005) o conceito de mundo de trabalho auxilia na interpretação e definição de trabalho como princípio educativo. Dado que este é um universo complexo e, por vezes, é simplificado como sinônimos de profissão, atividades laborais sem se considerar as relações sociais envolvidas.

> Enfocando o trabalho na sua particularidade histórica, nas mediações específicas que lhe dão forma e sentido no tempo e no espaço, podemos apreendê-lo ou aprender o mundo do trabalho na sua historicidade, seja como atividade criadora, que anima e enobrece o homem ou como atividade histórica que pode ser aviltante, penosa ou que aliena o ser humano de si mesmo, dos outros e dos produtos de seu trabalho na forma de mercadoria. (Marx, 1980, p. 79 ss). É a partir desta distinção básica que entendemos o trabalho como princípio educativo. (CIAVATTA, 2005, p. 92).

A concepção de EPT pode ser relacionada com a proposta pedagógica marxista de educação profissional (EP), o politecnismo[1]. Este modelo foi adotado na escola-comuna do NarkomPros, o Comissariado do Povo para a Instrução Pública na União Soviética, nos anos de 1920, onde todas as atividades tinham um caráter formativo-educativo. O educador socialista Moisey Pistrak (2015, 2018) revela que "Todos os fenômenos científicos são unificados e reunidos singularmente pelas ciências sociais que os interpreta, de maneira que o politecnismo não é apenas um complexo tecnológico, mas também um complexo social" (PISTRAK, 2015, p. 114). Nas escolas de educação profissional do NarkomPros "Além das habilidades de

1 Aqui a opção pelo conceito politecnismo é tomado a partir de Pistrak (2015), entendido como o sistema do ensino politécnico. Segundo Marx: "[...] ensino politécnico entende-se a educação 'que apresenta os princípios científicos gerais de todos os processos produtivos e, ao mesmo tempo, dá às crianças e adolescentes as habilidades práticas para uso dos instrumentos elementares de todas as produções'" (PISTRAK, 2015, p. 80). Enquanto que a definição de educação politécnica, para Pistrak, resume-se a "conhecer na teoria e na prática, todos os principais ramos da produção" (PISTRAK, 2015, p. 79).

alfabetização e contas, sobre as quais comumente se fala, a escola deve dar habilidades de ordem social, de trabalho e de organização" (PISTRAK, 2018, p. 203).

Para a implementação da EP, seguindo os princípios da pedagogia marxista, é necessário que as escolas apliquem o politecnismo, aliado ao contexto social, cultural e produtivo da região onde está a escola. Nesta perspectiva, o trabalho aplicado nas disciplinas escolares estará diretamente ligado ao desenvolvimento do pensamento crítico do estudante e deve estimular a iniciativa e criatividade e não apenas a formação de meros reprodutivistas de movimentos mecânicos durante as atividades do trabalho nas fábricas ou fazendas.

> *Como conclusão geral do que foi dito em relação ao trabalho educativo*, podemos resumir nossas considerações anteriores como segue: *sobre o conteúdo da educação*, ele é um instrumento de luta e de criação; *sobre os métodos de trabalho e organização do conhecimento*, eles são a habilidade para aplicar na prática estes instrumentos; e *sobre as tarefas de ensino no trabalho educativo*, eles são a transformação do conhecimento em convicção ativa. (PISTRAK, 2018, p. 47-48).

Para atingir os objetivos na formação crítica pelo trabalho educativo, Pistrak (2018) destaca "que o trabalho pedagógico do professor está inseparavelmente ligado e é indistinguível do trabalho social da escola. A dificuldade básica será superada com a mudança do caráter do próprio trabalho pedagógico do professor" (PISTRAK, 2018, p. 198). Segundo Ciavatta (2005), essa relação vai além do trabalho dos professores, porque são necessários alguns pressupostos para se alcançar a formação integrada e humanizadora, pois é um projeto de sociedade. Por isso, é necessária a adesão de gestores, professores, funcionários, estudantes, famílias, legislação e investimentos públicos pela defesa da educação e ainda o resgate da escola como lugar de memória. "O exercício da formação integrada é uma experiência de democracia participativa" (CIAVATTA, 2005, p. 101).

Entretanto, existe um distanciamento entre as políticas públicas e a materialidade no cotidiano das instituições escolares. Neste cenário de disputas entre o capitalismo e a formação humanizadora, entre contradições, retrocessos e avanços, desencontros de projetos e programas governamentais, a educação profissional e a educação profissional e tecnológica passaram por fases distintas no Brasil. É possível citar, por exemplo, no período republicano, especificamente em 1909, o Decreto presidencial nº 7.566, de Nilo Peçanha, que criou uma rede federal de EP com caráter assistencialista e voltada ao atendimento dos 'desvalidos da sorte e da fortuna'.

Outro exemplo é no período getulista, onde com o crescimento da industrialização, a demanda da EP foi concentrada na formação de mão de obra para o mercado de trabalho, um período marcado pela Reforma Capanema (1942-1943). Nas décadas de 60 e 70, marcadas pelo regime militar, a EP também foi utilizada para atender às demandas do mercado e da postura ideológica da época. (SCHENKEL, 2012). Após a redemocratização do país, a educação foi assegurada pela Constituição da República Federativa de 1988. Entretanto, logo após a promulgação, iniciaram movimentos por mudanças na educação.

> Impossível compreender as nuances da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil sem destacar determinações e disputas dos projetos de nações enredados na formação do Estado nacional brasileiro. Trata-se de disputas cujas bases são as estruturas produtivas que constituíram a base material da sociedade brasileira que se estruturou de modo a abastecer o mercado externo de gêneros de baixo valor agregado e, ao mesmo tempo, adquirir desse mesmo mercado manufaturados e tecnologias com significativo valor agregado. (CASTRO, PLACIDO, SCHENKEL, 2020, p. 337).

Ao final da década de 2000, houve uma nova fase da EPT. Com projeto pedagógico de formação dos sujeitos para o mundo do trabalho, iniciava-se a expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT), vinculada ao Ministério da Educação. A partir da Lei Federal nº 11.892, de 28 de dezembro de 2008, a RFEPCT é constituída pelos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia; Universidade Tecnológica Federal do Paraná; Centros Federais de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet-RJ) e de Minas Gerais (Cefet-MG); Escolas Técnicas vinculadas às Universidades Federais. (BRASIL, 2008).

Pacheco (2011) destaca que o objetivo central da Rede Federal é formar um cidadão para o mundo do trabalho, por meio da educação profissional tecnológica, para o desenvolvimento educacional e socioeconômico brasileiro.

> A designação ‘instituições de educação superior, básica e profissional’ confere aos Institutos Federais uma natureza singular, na medida em que não é comum no sistema educacional brasileiro atribuir a uma única instituição a atuação em mais de um nível de ensino. (PACHECO, 2011, p. 64).

Com a expansão da Rede Federal, os IFs foram ordenados numa estrutura multicampi interiorizada, com a organização pedagógica verticalizada, desde a educação básica até a pós-graduação, e com ações de ensino, pesquisa e extensão. Neste período, por meio da união de

cinco instituições escolares, constituiu-se o Instituto Federal Catarinense (IFC) que, atualmente, possui 16 unidades: 13 *campi*, dois *campi* avançados e a Reitoria. Blumenau é sede da Reitoria e do *campus* o qual é objeto de estudo desta pesquisa (IFC, 2021).

> A Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica foi interiorizada na perspectiva de estimular o desenvolvimento regional, conter mobilidades interregionais e estimular a desconcentração industrial nas regiões tradicionalmente polarizantes, como o Sudeste brasileiro, particularmente São Paulo e Rio de Janeiro. (CASTRO, PLACIDO, SCHENKEL, 2020, p. 351).

Segundo as propostas da pedagogia marxista, discutidas a partir do politecnismo, as características econômicas e sociais da cidade devem ser analisadas ao definir o perfil das escolas e dos cursos que serão ofertados, principalmente para as crianças e os jovens. Alinhada aos arranjos produtivos, culturais e sociais locais, a atuação do *Campus* Blumenau foca os eixos tecnológicos de Informação e Comunicação e Controle e Processos Industriais, setores econômicos correspondentes ao perfil de Blumenau que tem como principal atividade econômica a área de Serviços, seguida pela de Indústria. (IBGE, 2018).

Em 2010, Blumenau recebeu a instalação do *campus* do IFC, no bairro Badenfurt, onde são ofertados cursos de pós-graduação (especialização e mestrado profissional), graduação (bacharelado, licenciatura e tecnólogo), educação de jovens e adultos, técnico subsequente e educação profissional técnica integrada ao ensino médio. Segundo dados no site oficial da instituição, em fevereiro de 2012, iniciaram as aulas da primeira turma do curso técnico em Informática integrado ao ensino médio. Após a inauguração do espaço físico próprio, em julho de 2014, foram ofertados novos cursos em diferentes níveis de ensino, entre eles o curso técnico em Eletromecânica integrado ao ensino médio. (IFC Blumenau, 2021).

A implantação e atuação do *campus* justifica-se para atender a crescente demanda educacional, profissional e social da cidade. Conforme os dados na página do IBGE (2021), a estimativa populacional, referente a 2021, em Blumenau é de 366.418 mil habitantes. Na área educacional, em 2020, a cidade apresentava 11.466 matrículas distribuídas em 30 escolas de ensino médio, com corpo docente composto por 682 professores. Dados relativos ao trabalho e rendimento mostram que em 2019 o salário médio mensal era de 2,8 salários mínimos e proporção de pessoas ocupadas, em relação à população total, era de 44.7%. (IBGE, 2021).

Segundo Moura, Lima e Silva (2015), ainda que a proposta dos Institutos Federais seja pela educação integrada, a desigualdade social no Brasil obriga os jovens a procurarem trabalho, antes dos 18 anos, para contribuir com o sustento familiar. Para os autores essa realidade gera uma classe trabalhadora sem qualificação profissional favorecendo o capitalismo. “Em nosso país, a situação da classe trabalhadora é muito mais degradante que nas regiões de capitalismo avançado". (MOURA, LIMA, SILVA, 2015, p. 1071).

Portanto, o ensino técnico integrado, com concepção de formação politécnica seria uma garantia de uma base unitária para todos. Mas também seria possível pensar nas duas possibilidades de ensino médio, com e sem profissionalização, neste período de ‘travessia’. Mesmo que o Brasil não tenha o cenário ideal, Moura, Lima e Silva (2015) defendem que é válido plantar as sementes da formação humana integral, politécnica, unitária, aproveitando-nos das contradições do sistema capitalista.

No decorrer das décadas identifica-se a fragilidade das políticas públicas que são frequentemente reformuladas para se adequar à proposta de educação pública para promover o desenvolvimento econômico e social do Brasil, um campo de disputas para atender ao mundo do trabalho e ao mercado de trabalho. A partir do levantamento teórico desenvolvido até aqui, é possível identificar que a proposta da educação profissional e tecnológica integrada ao ensino médio, no modelo adotado pelo IFC, é um caminho viável, que se identifica com o politecnismo apresentado por Pistrak. É uma proposta possível e eficiente para atingir o objetivo de formação de adolescentes e jovens. A partir dessa base de conhecimento ofertada nas escolas da Rede Federal, desenvolver a formação crítica para aqueles que seguirão na vida acadêmica e também para os que optarem em seguir em uma carreira profissional a partir dos conhecimentos técnicos adquiridos durante o ensino médio. Um modelo onde a escolha seja consciente e não imposta para atender o mercado capitalista.

A relação entre a escola e a sociedade é uma semelhança percebida na construção de proposta pedagógica da EPT e da cultura escolar. Portanto, mapear a cultura escolar a partir da observação das relações na e da escola, alinhada à proposta pedagógica aplicada nos cursos técnicos integrados ao ensino médio, e como essas relações são recebidas pelos estudantes é um caminho real para a construção da história do IFC *Campus* Blumenau.

2. 3 Fotografia como fonte histórica

A cultura escolar e a história de uma instituição escolar podem ser construídas a partir de diversidade de documentos e materiais, sendo a fotografia um destes documentos possíveis que será usado para construir a narrativa histórica sobre o IFC Blumenau. Enquanto uso social e historiográfico, a fotografia consolidou-se no decorrer dos séculos XIX e XX com o crescimento de sua aplicação, gerando importantes acervos para a pesquisa mundial. Sendo que na segunda metade do século XIX, ela foi um instrumento adotado na Europa como uma crescente prática preservacionista, como nos revela as autoras Pinsky e Luca (2020).

> Reconhecido como um meio eficaz de preservar o passado, grupos ligados ao movimento de conservação cresceram com as sociedades de fotografia. Assim como ocorreu com o retrato, os álbuns fotográficos foram os primeiros difusores da imagem de cidade do século XIX. (...) A trajetória da fotografia no Brasil também seguiu por esse caminho. (PINSKY; LUCA, 2020, p. 33).

Na França, em 1929, um grupo de historiadores fundaram a revista acadêmica *Annales d'Histoire Économique et Sociale* que originou o movimento historiográfico conhecido como Escola dos Annales. Este movimento contou com defensores pela necessidade de ampliar a noção de documento que, em princípio, seria um texto. Entre eles, os historiadores Le Goff (2013), membro da revista na terceira geração (1968-1989), e Burke (2017) um estudioso do movimento dos Annales. Esta defesa pode ser confirmada nos escritos de Le Goff:

> A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. (LE GOFF, 2013, p. 490).

De acordo com Le Goff (2013), os materiais que constroem a história são de dois tipos: os documentos e os monumentos. Ao elaborar esta distinção, o autor aponta que os materiais que sobrevivem não são a representação exata do passado, mas sim aqueles que foram escolhidos para permanecer conforme os interesses dos detentores da força, portanto, os monumentos são uma herança do passado e os documentos são as escolhas do historiador. Por isso, o historiador tem como dever principal criticar o documento enquanto monumento:

> O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (LE GOFF, 2013, p. 495).

Segundo Burke (2017) a expressão "fotografia documental" nasceu nos Estados Unidos, na década de 1930. Neste sentido, a história passou a ser construída sob a análise de outras fontes de pesquisas, enquanto evidências históricas, entre elas, as imagens representadas em gravuras, pinturas e fotografias. Assim como nos textos, o autor enfatiza que ao pesquisar a partir das imagens, o historiador deve alertar-se sobre para qual propósito a foto foi produzida. Pois "Elas, frequentemente, tiveram seu papel na "construção cultural" da sociedade. Por todas essas razões, as imagens são testemunhas dos arranjos sociais passados e acima de tudo das maneiras de ver e pensar do passado". (BURKE, 2017, p. 278). Este é um critério abordado por Pinsky e Luca (2020) ao identificar que um historiador ao usar imagens para investigação não utiliza apenas uma foto como fonte. "Trabalha-se, em geral, com séries documentais, pois só por meio da recorrência é possível aferir o alcance de determinadas soluções formais e temáticas socialmente adotadas" (PINSKY; LUCA, 2020, p. 45).

Diante do reconhecimento da fotografia enquanto fonte de pesquisa e testemunho da história, Burke (2017) enfatiza sua confiabilidade ao afirmar que "os testemunhos sobre o passado oferecidos pelas imagens são de valor real, suplementando, bem como apoiando, as evidências dos documentos escritos" (BURKE, 2017, p. 277). O autor aponta o benefício do alcance visual em relação à complexidade do documento escrito ao transmitir a informação.

> Uma vantagem particular do testemunho de imagens é a de que elas comunicam rápida e claramente os detalhes de um processo complexo que um texto levaria muito mais tempos para descrever, e de forma mais vaga, como no caso da impressão, por exemplo (BURKE, 2017, p. 125).

Para Kossoy (2020) "Toda fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural, ao mesmo tempo que é uma criação a partir de um visível fotográfico" (Kossoy, 2020, p. 54). O autor destaca que o homem utiliza a câmera para registrar diversas atividades com objetivo de recordação, informação, arte, documentação, entre outros interesses.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como metodologia foi utilizada a pesquisa bibliográfica para fundamentação teórica dos conceitos, visto que será desenvolvida por livros e artigos científicos já elaborados. Entretanto, Gil (2002) pontua que o material utilizado em uma pesquisa bibliográfica não se restringe aos adotados neste trabalho, pois é constituído também por periódicos e impressos diversos. A opção pela pesquisa bibliográfica nesta etapa da pesquisa justifica-se pela necessidade de reunir os conceitos de autores distantes no tempo e geograficamente, mas acessíveis por meio de suas obras. “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 2002, p. 45).

Para selecionar os referenciais teóricos foi realizado levantamento nas bases de dados do portal de Periódicos da Capes com as palavras-chaves: cultura escolar, história das instituições escolares, educação profissional, educação profissional e tecnológica, IFC Blumenau, fotografia histórica e fotografia escolar. Para refinar as buscas, foi aplicado o filtro para artigos revisados por pares, presentes também na Scielo, publicados em português entre 2015 e 2021. Foram encontrados 415 artigos que discutem sobre a história das instituições escolares; 952 sobre cultura escolar; 2.916 sobre educação profissional e 522 sobre educação profissional e tecnológica. As buscas por artigos sobre fotografia histórica resultaram 277 artigos e 85 sobre fotografia escolar, entretanto nem todos tratavam especificamente de fotografia enquanto documento histórico. E ao pesquisar especificamente sobre a cultura escolar do IFC não foram identificados trabalhos referentes ao *Campus* Blumenau.

Como critério de seleção dos autores, foram observadas as fontes de referências nestes artigos e a frequência com que os mesmos autores foram citados. Após identificar a repetição das mesmas fontes e, por se tratarem de livros e artigos possíveis de acesso, optamos por trabalhar diretamente com os autores referenciados e não apenas com os artigos localizados. Ademais, foram selecionados artigos produzidos por professores e egressos do mestrado em Ensino do ProfEPT que pesquisam nestas temáticas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Por meio da fundamentação teórica é possível certificar a relevância da compreensão da cultura escolar para a construção da história das instituições escolares. Ao analisar os resultados encontrados nas bases de dados, despertou-nos a atenção a repetição dos mesmos autores e obras em vários artigos nas respectivas áreas de estudo. A reincidência contribuiu para a seleção de cada estudioso da referida categoria definida também a partir da perspectiva mais próxima do objetivo da pesquisa final. Essas foram as variáveis utilizadas na escolha de trabalhar a categoria cultura escolar a partir da perspectiva de Frago (1995) e de Chervel (2016), presenças recorrentes nas citações e fontes bibliográficas localizadas. As definições dos dois autores assemelham-se na defesa da formação da cultura escolar ligada à relação entre a escola e a comunidade, entre os diversos personagens que atuam e constroem a escola em um espaço para troca de experiências, culturas, normas, comportamentos e pensamentos. Essas características nos permite afirmar que a cultura escolar não é estática e modifica-se conforme as interferências de diversas variáveis.

Uma perspectiva que dialoga com a defesa feita por Magalhães (2004), historiador presente na maioria dos artigos sobre a história das instituições escolares, e que afirma que a história de uma instituição escolar é construída além de seus muros e relaciona-se com a sociedade fixada no seu entorno. Portanto, cada instituição possui traços distintos que surgem consoante o tempo e o espaço em que atuam. Tempo e espaço é fator marcante observado por Frago na identificação e compreensão da cultura escolar. Deste modo, esses dois autores se complementam e contribuem para identificar a cultura escolar do IFC *Campus* Blumenau e por meio dela construir uma narrativa histórica da instituição sob este olhar.

Outro ponto investigado no levantamento bibliográfico é a possibilidade de se contar a história de uma instituição através de diferentes fontes, não apenas pelo ângulo dos documentos escritos como leis, manuais, atas, entre outros materiais em texto oficiais, normalmente utilizados na reconstrução histórica dos fatos. Uma instituição escolar é composta pela pluralidade de agentes e acontecimentos, conforme indicam os autores já mencionados, portanto, outras fontes de pesquisas podem enriquecer as pesquisas. Neste trabalho a opção foi

pela fotografia, pois como afirma Burke (2017) ela é um documento que apresenta testemunhos de valor real quando analisada com cautela, assim como deve ser a análise de textos escritos, por exemplo. Ao apresentar argumentos de diferentes historiadores e pesquisadores, a fundamentação teórica organizada nesta etapa contribui para consolidar a credibilidade das imagens enquanto fonte de pesquisa histórica. Durante a análise dos trabalhos encontrados nas buscas, observa-se que o uso das fotografias ainda é pouco utilizado diante das possibilidades que elas apresentam na identificação de características que contribuem para a compreensão e construção histórica, inclusive das instituições escolares.

Nos trabalhos publicados sobre a Educação Profissional e Tecnológica (EPT), selecionados nesta etapa da pesquisa, identifica-se como as políticas públicas de educação são alteradas conforme os interesses políticos governamentais e das demandas de mercado de trabalho. Por isso, a opção é utilizar as publicações de pesquisadores que atuam ou atuaram na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, pois nestes trabalhos é possível perceber como as influências externas afetam a construção dos projetos pedagógicos das instituições de EPT. Aliás, as inter-relações das instituições escolares e dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais são pontos em comum considerados pelos autores de todas as áreas aqui pesquisadas. Baseada nestas premissas, a opção foi trabalhar com os artigos produzidos sob a ótica da pedagogia marxista por se assemelhar com a proposta aplicada no IFC, por isso a escolha por Pacheco (2011), Ciavatta (2005), Moura (2015), Castro; Schenkel; Placido (2020), entre outros autores.

Partindo dos resultados desse levantamento bibliográfico será possível, no avançar das etapas da pesquisa, confirmar a relevância da compreensão da cultura escolar do IFC Blumenau para identificá-lo como uma instituição de educação profissional e tecnológica voltada para a formação politécnica e a relação estabelecida com a sociedade em seu entorno.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 2010, o *Campus* do IFC foi instalado em Blumenau com o propósito de ofertar educação profissional e tecnológica aos adolescentes, jovens e adultos da cidade e região, no

formato de educação gratuita e em consonância com os arranjos produtivos, sociais e culturais locais. Essas características relacionam-se com os conceitos encontrados nos estudos sobre trabalho como princípio educativo e formação dos sujeitos para o mundo do trabalho. Ainda que seja parte de uma instituição multicampi com uma história anterior, o IFC Blumenau atua para construir sua própria história e cultura escolar. O fato de ser uma escola urbana, em espaço e tempo distintos, é um ponto inicial para a investigação sobre as particularidades que a diferencia das cinco unidades agrícolas e agrotécnicas que deram origem ao IFC.

Portanto, as leituras realizadas e analisadas dos autores selecionados para a organizar a fundamentação teórica deste artigo é uma etapa essencial para a pesquisa em andamento. Pois a pesquisa busca compreender as culturas escolares do IFC *Campus* Blumenau a partir das análises fotográficas e consequentemente construir uma narrativa histórica da instituição, destacando inclusive as características que a definem como uma escola de educação profissional e tecnológica (EPT) e, em simultâneo, a diferencia das demais unidades. Por isso, a discussão teórica neste artigo gira em torno da fundamentação e conceituação destas categorias alinhadas ao objetivo final da pesquisa.

Entretanto, o levantamento bibliográfico não se restringe somente a essa pesquisa e poderá auxiliar outros pesquisadores que tenham interesse nas temáticas sobre a história das instituições escolares de EPT, cultura escolar e o uso de fotografia como evidência histórica. Contudo, não é o objetivo deste trabalho trilhar todos os caminhos possíveis para a fundamentação teórica destes temas, mas apenas apontar algumas das possíveis direções para embasar a discussão sobre essas categorias selecionadas nesta etapa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 28 jul. 2021

BRASIL. **Lei Nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008.** Institui a Rede Federal Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm. Acesso em: 25 jul. 2021.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular:** o uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CASTRO, Cloves Alexandre.; PLACIDO, Reginaldo Leandro; SCHENKEL, Cladecir Alberto. **História socioespacial do trabalho no Brasil, educação profissional e tecnológica e a questão regional**. Revista Labor, Ceará, vol. 1, n. 24, p. 331-355, 2020.

CIAVATTA, Maria. **A formação integrada:** a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In: RAMOS, Marise (Org.); FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.); CIAVATTA, Maria (Org.). Ensino Médio Integrado: Concepção e Contradições. São Paulo: Cortez, 2005a.

CHERVEL, André. (2016). **Das disciplinas à cultura escolar**: o caso do ensino de ortografia na escola primária. Calidoscópio, 14(01), 169-175. Recuperado de http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2016.141.16/5209

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; GONÇALVES, Irlen Antônio; VIDAL, Diana Gonçalves; PAULILO, André Luiz. **A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n.1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

FRAGO, Antonio Viñao. **Historia de la educación y historia cultural.** Posibilidades, problemas, cuestiones. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 0, p. 63-82, 1995.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorama Brasil - Santa Catarina - Blumenau.** 2021. Disponível em https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/blumenau/panorama. Acesso em: 13 de dezembro de 2021.

INSTITUTO Federal Catarinense – *Campus* Blumenau. **Sobre o Campus Blumenau.** 2019. Disponível em http://blumenau.ifc.edu.br/historia-do-campus-blumenau/. Acesso em: 25. jul. 2021.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História.** 5. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2020.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** 7. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo Nexos**: história das instituições educativas. Bragança Paulista: EDUSF, 2004.

MOURA, Dante Henrique; LIMA FILHO, Domingos Leite; SILVA, Mônica Ribeiro. **Politecnia e formação integrada:** confrontos conceituais, projetos políticos e contradições históricas da educação brasileira. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro. v. 20, n. 63, p. 1057-1080, out./dez. 2015.

PACHECO, Eliezer. (org). **Institutos Federais:** uma revolução na educação profissional e tecnológica. São Paulo: Moderna, 2011.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs). **O historiador e suas fontes.** 1.ed. 6. reimpressão. São Paulo, SP: Contexto, 2020.

PISTRAK, Moisey Mikhaylovich. **Ensaios sobre a escola politécnica**. 1.ed. São Paulo, SP: Editora Expressão Popular, 2015.

PISTRAK, Moisey Mikhaylovich. **Fundamentos da escola trabalho**. 1.ed. São Paulo, SP: Editora Expressão Popular, 2018.

PLACIDO, Reginaldo Leandro; BENKENDORF, Shyrlei Karyna Jagielski; TODOROV, Denise Matiola. **Porosidade e permeabilidade:** Uma abordagem mesoanalítica em história das instituições escolares a partir da cultura escolar. Revista Metodologias e Aprendizado, Santa Catarina, vol. 4, p. 183-196, 2021.

SCHENKEL, Cladecir Alberto. **Educação Profissional no Brasil** In: SCHENKEL, Cladecir Alberto. Gestão ambiental: perfil profissional e formação em cursos superiores de tecnologia e de bacharelado. 2012. 348 f. (p. 113-138) Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Cultura e prática escolares**: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In: SOUZA, Rosa Fátima de (Org); VALDEMARIN, Vera Teresa (Org). A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.